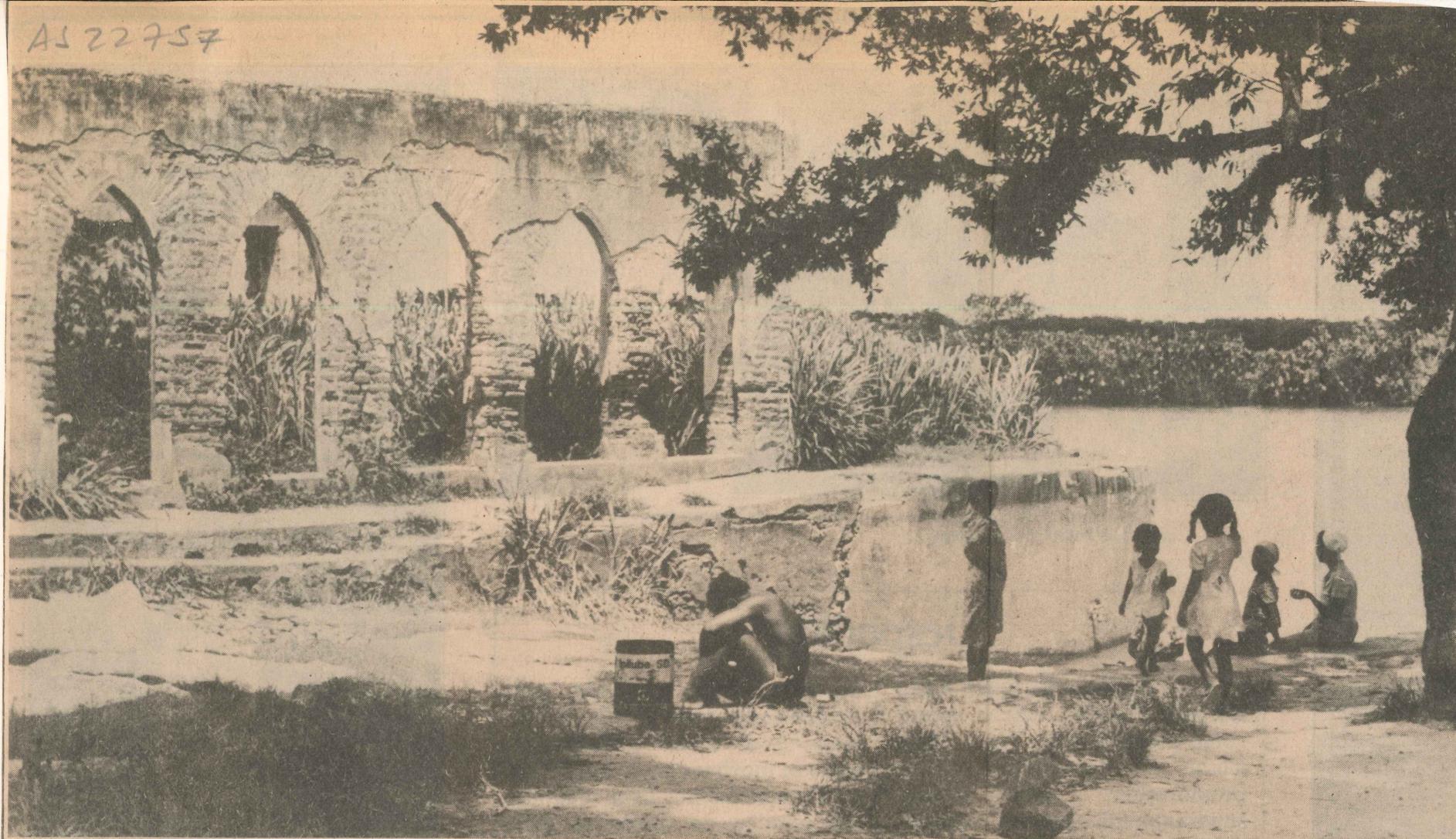


AS 22757



Reconstruir o porto centenário, hoje uma questão nacional

PORTO DE SÃO MATEUS

Agora, uma questão nacional

Tão logo o novo governador assuma, uma comissão nacional, engajada no projeto de restauração do Porto de São Mateus, procurará obter apoio à sua execução, segundo informa o poeta Maciel di Aguiar, presidente da Comissão Estadual de Defesa e Revitalização do patrimônio.

Após a realização, recente, do III Festival de Verão do

Houve um tempo, não muito distante, em que, quando Maciel di Aguiar chegava a qualquer repartição pública com uma infinidade de documentos sob o braço, havia sempre alguém para comentar sarcástico: "Lá vem aquele cara do porto de São Mateus".

Mas a questão da revitalização do porto centenário, ao Norte do Estado, e o poeta nela envolvido ganharam aos poucos fronteiras nacionais. E os risinhos de ironia caíram por terra quando ambos obtiveram o apoio de Afonso Arinos de Melo Franco, Fernando Gabeira, Jorge Amado, Caribé e outros intelectuais brasileiros, de diversas áreas, decididos a preservar o passado deste país.

Carlos Drummond de Andrade, por exemplo, entusiasmou-se de tal maneira com a recuperação do patrimônio que escreveu, de próprio punho, um libelo em defesa dessa cruzada. Viu em Maciel "um poeta empreendedor, de imaginação acesa". E lançou um brado: "Vamos restaurar o porto".

FESTIVAL

Neste início de março, Maciel di Aguiar faz uma avaliação do III Festival de Verão do Porto de São Mateus, realizado entre 20

porém, não desestimularam o poeta. Cabeça dura, ele saiu pelo País procurando convencer representantes de inúmeros segmentos artísticos a se engajarem nesta luta. E acabou trazendo a São Mateus os escritores Rubem Braga e Fernando Gabeira além de anunciar a presença de Chico Buarque de Holanda, em breve tocando violão entre os velhos casarões.

— São sete anos neste vaivém — lembra Maciel. Quando a Universidade Federal saiu de São Mateus para fazer o seu programa de artes em outros municípios, inclusive revendo a própria posição que havia assumido, deixou um espaço muito grande por ser ocupado.

Maciel di Aguiar, que durante anos havia permanecido fora de São Mateus, sua terra, engajado em política e produção literária, decidiu criar o que ele define como "um evento que atendesse a todos os interesses do porto, inclusive voltado para o lugar. E como a coisa crescesse para o fim do ano, resolvemos denominá-lo Festival de Verão".

ACEITA

— O apoio foi imediato, vieram os primeiros voluntários: cantadores, tocadores, nossos barqueiros e violeiros, integrados

cinco meses de trabalho, lembra Maciel, batendo de porta em porta, recolhendo pontos de vista sobre o patrimônio. Mas, ao final de todas essas andanças, ele abre satisfeito o folheto com pareceres de personalidades importantes, a nível nacional ou estadual, e que traz também os nomes dos artistas interessados nessa preservação.

— Estas pessoas se dispuseram a colocar sempre em suas entrevistas a questão do porto que, afinal, não é isolada. Existem inúmeros portos de São Mateus espalhados por este Brasil afora e o caso, aqui, passou a ser de honra nacional. A medida em que as pessoas de representatividade na cultura nacional apoiavam a defesa, isto, automaticamente, passou a se refletir em patrimônios espalhados pelo Brasil.

BELEZA

— Se olharmos os conjuntos arquitetônicos do País, por sua beleza, vamos concluir que o Porto, para muitos, não tem importância. Mas se o olharmos pelo foco de resistência que representa, sob o aspecto do seu testemunho, aí a coisa toma outro rumo. Normalmente, as pessoas encaram a beleza arquitetônica. Mas no caso específico deste nosso porto a gente tem que

sobrados. Hoje restam apenas 33".

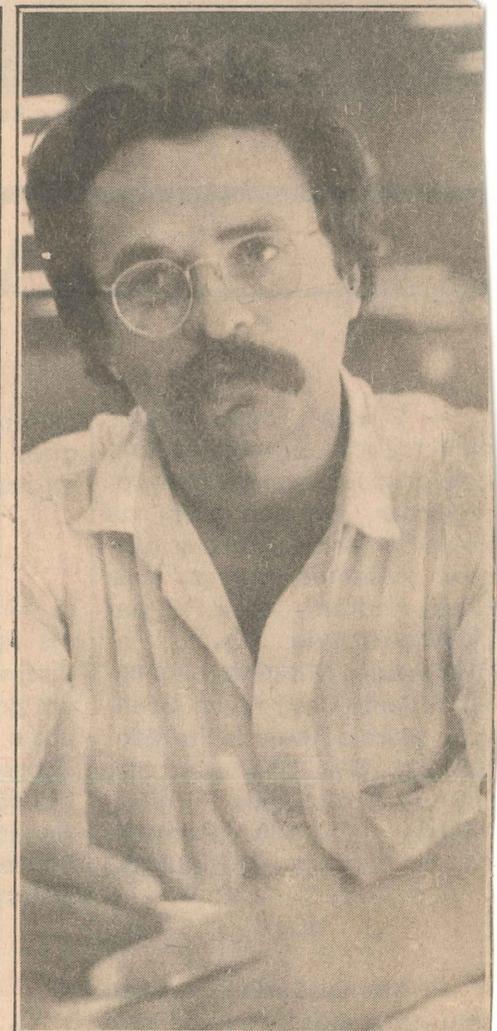
— Vendo que tudo desmoronava, discordamos da proposta da Ufes que realizava a Semana de Artes de São Mateus, uma espécie de convescote, sem buscar as raízes locais, sem pesquisar ou valorizar coisa alguma. A partir de 1977, e nos anos seguintes, 1978 e 1979, as casas voltaram a ser ocupadas pelas famílias que voltavam após o êxodo rural. Com risco de vida, porque havia a ameaça de desabamento, famílias inteiras se envolveram nessa tomada do porto, que apoiávamos.

AJUDA

Entusiasmado com o renascimento do local, com vida em função dessa última ocupação, Maciel decidiu que o porto deveria ser apresentado às autoridades. E deu início à sua peregrinação através dos gabinetes oficiais, começando pelo de Aloísio Magalhães, secretário de Cultura do MEC, em 1979.

— À época, tive uma grande decepção, quando o professor Aloísio me informou que estavam cancelados todos os compromissos com o nosso Estado porque o Espírito Santo não tinha dignidade com a sua história.

Qualquer outro teria desistido. Maciel não. Continuou recorrendo ao Governo do Estado



Maciel di Aguiar: tomando fôlego

participam dessa audiência.

Após a realização, recente, do III Festival de Verão do Porto de São Mateus, o poeta Maciel di Aguiar, ainda às voltas com dívidas e decepções, porque os órgãos públicos negaram apoio à iniciativa, respira fundo e garante que, a partir de agora, com a participação de tantos nomes do cenário nacional, sua luta chegará a um bom termo, "acabando de vez com os casuísmos governamentais"

porto".

FESTIVAL

Neste início de março, Maciel di Aguiar faz uma avaliação do III Festival de Verão do Porto de São Mateus, realizado entre 30 de janeiro e 6 de fevereiro e cujo saldo, além de inúmeras exposições, lançamentos de discos, livros e filmes foi uma dívida de Cr\$ 1.400 mil que, como organizador principal, assumiu, "porque os órgãos públicos negaram o apoio prometido bem antes da realização".

— A Prefeitura Municipal de São Mateus acenou com uma ajuda financeira da ordem dos Cr\$ 2.500 mil, mas recuou às vésperas do festival, optando pela realização de um campeonato de motocross, paralelamente à nossa manifestação.

Essa omissão acabou acarretando problemas para o poeta que, de inesperado, se viu às voltas com os contratos por pagar e os bolsos completamente vazios. A saída foi recorrer a um empréstimo, porque a verba oferecida pela Funarte também era irrisória: "Deram-nos Cr\$ 850 mil para um festival orçado em Cr\$ 3 milhões".

INSISTE

As dívidas, a falta de apoio e até mesmo a indiferença de setores culturais — oficiais, ou não — em relação à questão do porto,

ACEITA

— O apoio foi imediato, vieram os primeiros voluntários: cantadores, tocadores, nossos barqueiros e violeiros, integrados na tentativa de valorizar aqueles que resistiram no porto de São Mateus durante os 50 anos em que foi ocupado por mulheres marginalizadas pela sociedade.

Com a participação de figuras populares, da região, foram promovidos os dois primeiros encontros. Mas o organizador ainda se ressentia da falta de apoio à primeira iniciativa, "porque houve uma resistência muito grande, antes que conseguíssemos colocar na cabeça do intelectual capixaba a importância do festival. A imprensa também não deu ao fato a repercussão esperada".

— O II Festival, encampado pelo Caderno Dois de A GAZETA, obteve maior repercussão. Assim, resolvemos que o terceiro — visto que os anteriores haviam sido promovidos sem respaldo da imprensa, intelectuais e organismos governamentais — deveria trazer o apoio de personalidades da cultura nacional, sensibilizadas com a nossa proposta.

Criou-se a Comissão Nacional de Apoio à Restauração do Porto de São Mateus. Foram

representa, sob o aspecto do seu testemunho, aí a coisa toma outro rumo. Normalmente, as pessoas encaram a beleza arquitetônica. Mas no caso específico deste nosso porto, a gente tem que encarar o testemunho.

Maciel di Aguiar lembra que a região teve inúmeros ciclos, "o último, da prostituição, tirou um pouco da beleza local, mas manteve a resistência". Diante disso, o poeta acredita que a restauração do porto deve ser feita "não em função da burguesia, mas a partir dessa época em que mulheres rejeitadas pela sociedade ocuparam o casario".

— A partir de 1930 — assinala Maciel, procurando rever à história desse sítio — no final do ciclo da madeira, não havia mecanismo de sobrevivência para a burguesia, que deixou a cidade, transferindo-se para Vitória. O porto foi invadido pelas mulheres que tomaram todas as casas da burguesia, transformando-as em cabarés. Na cidade, os burgueses sobreviviam recebendo os alugueis daquela gente.

A partir de 1964, segundo Maciel, "o regime de exceção lançou ali os marginais que transformaram o porto num gueto violento. Em 1968, mais de 300 pessoas foram expulsas dali e veio a decadência dos casarões centenários. Nos 10 últimos anos caíram mais de 80

casarões todos os comprometidos com o nosso Estado porque o Espírito Santo não tinha dignidade com a sua história.

Qualquer outro teria desistido. Maciel não. Continuou recorrendo ao Governo do Estado, mas assegura que, até o momento, conseguiu apenas recuperar uma casa do porto, "graças à interferência de Orlando Bonfim, do DEC".

— A União, há algum tempo, se comprometeu em liberar 80 por cento da verba necessária à restauração, desde que o Estado desse os 20 por cento restantes. Até hoje, porém, não conseguimos o apoio de qualquer governador nesse sentido.

— Como se efetuará, objetivamente, esta restauração?

— Pretendemos transformar o porto em pousada; fazer do cabaré "Boulevard", reconstituído, uma pousada. Atualmente já funciona ali um centro de cultura negra, porque foram os negros que construíram tudo aquilo. Pretendemos criar também a Casa da Memória Popular, com depoimentos de tocadores, violeiros, comerciantes, personagens do lugar.

Outras sugestões podem levar à criação da Casa da Farinha, em função da importância do ciclo da farinha — assim como os do café e da madeira para o desenvolvimento do porto — e à reconstituição do primeiro teatro

Maciel di Aguiar: tomando fôlego

do Espírito Santo, o teatro de São Mateus.

— Onde este projeto esbarra, tornando-se difícil sua execução?

— Na falta de sensibilidade dos governantes. A Prefeitura de São Mateus, por exemplo, recusava-se até mesmo a recolher o lixo nas ruas do porto, e, embora sempre tenhamos nos referido a ela nas promoções, nunca contribuiu com nada.

PROJETOS

Maciel Di Aguiar, no entanto, prevê agora dias melhores para este empreendimento. O apoio de intelectuais de renome parece dar um fôlego novo ao extenuado poeta:

— O porto, que não chegava a ser um ponto de honra do Espírito Santo — era causa isolada de alguns como os jornalistas Rogério Medeiros, Osmar Silva, Tinoco dos Anjos ou do professor Hermógenes Fonseca — passou a ser um argumento do Brasil. De repente, esta proposta se transformou num argumento nacional e as autoridades, agora, vão ter que tomar uma posição, deixar o casuísmo, partir para a sua revitalização.

O que dizem do porto estes intelectuais

"Sinto-me pessoalmente ligado ao Porto de São Mateus pela amizade fraterna que devotei a um filho ilustre dessa terra: dr. Aldemar Neves, que tanto lutou em defesa de seus valores culturais. Em nome de sua memória, apelo para que possamos defender e conservar o porto de São Mateus como herança preciosa de nossos filhos e netos".

Jorge Amado, escritor

"Defender São Mateus da ruína do tempo e da incúria dos homens; restaurá-lo, tanto quanto possível, no seu conjunto; preservá-lo como monumento

insubstituível é um dever nacional".

Afonso Arinos de Melo Franco

"O porto de São Mateus, alteado a cavaleiro do rio Cricaré, com seus sobrados, seus mirantes, seus portais de pedra, está a reclamar a atenção do País".

Josué Montello

"Salve São Mateus, salve o porto, salve a preservação do casario, salve o Festival, salve a fantasia dos infelizes, o dia-a-dia das meretrizes e tudo o que será".

Chico Buarque de Holanda



Há 10 anos, os velhos casarões, desocupados, desabam. E o Porto desaparece